

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5000

N.º 45 — VOL. III.

Sabbado 29 de Outubro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANGO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

Acto: — Historia da accusação — Salvador Corrêa de Sá e Benavides — Vista da cidade de Leiria — Vista do edificio de Santa

Cruz de Coimbra — Abbadia de S. Diniz em Franca — Castello da Feira — O amor e o dever, continuação — Souciós — Não teinho lyta — A uma dor — Despedida.

Guaxinas — Salvador Corrêa de Sá e Benavides — Abbadia de S. Diniz em Franca — Castello da Feira — Vista da Cidade de Leiria — Vista interior do edificio de Santa Cruz de Coimbra.

Historia da actualidade.

A Inglaterra augmenta as suas forças navaes em frente de Gibraltar.

— Cinco embarcações da esquadra da Mancha foram destacadas para o dito ponto. Aquella frota está comandada pelo vice-almirante Fanshawe.

— A abbadia de Newstead, que foi a residencia de lord Byron, vae ser vendida em hasta publica.

— Falla-se em desintelligencias entre lord Palmerston e lord John Russell, relativamente ás tres importantes questões de Hespanha, Italia, e isthmo de Suez.

— Cada correio da China que chega á Europa confirma o facto da grande perda do prestigio que experimentou o poder europeu depois da derrota das forças navaes inglezas pelos chins no ataque de Pei-ho.

— Ha noticia de que a Franca e a Inglaterra conseguiram chegar a um accordo sobre esta importante questão; e a primeira envia aquelle imperio uma força de dezoito mil homens, ao passo que a segunda concorrerá com quinze mil.

— Quatro fragatas napolitanas foram mandadas cruzar contra Garibaldi.

— Estava projectada uma entrevista de sua santidade com o rei de Napoles, mas por motivos por ora desconheci-



Salvador Corrêa de Sá e Benavides.

dos, esta entrevista ficou adia-

da — Em consequencia da conspiração descoberta na Turquia contra o sultão, foram sentenciados a pena ultima Hussein-pachá, um mufti, um coronel, e a pessoa que devia assassinar o sultão.

— Esta execução foi comtudo suspensa, em virtude da grande agitação que reinava em Constantinopola.

— Em Macau estabelecense um hospital maritimo francez.

— Indica-se o almirante Fouchon para o commando em chefe das forças maritimas que tem de operar contra a China.

— Eguamente se diz que ficará ás ordens do referido official o contra-almirante Pagé, que foi substituir o almirante Rigault de Genouilly.

— Houve um incendio em Husinu (Bohemia) que devorou dentro em uma hora trinta e duas casas. Uma d'ellas foi aquella em que nasceu o celebre João Huss.

— O conde de Colredo, cuja morte já noticiamos, descendia dos Valsée da Suabia, celebres nas guerras de Italia em 1025. Nasceu o conde em 1807, e mui novo entrou na carreira diplomatica, sob os auspicios do principe de Metternich. Foi sempre encarregado das missões mais importantes do governo austriaco.

— Teem accorrido a Tanger muitas tribus kabilas.

— O governo inglez manifestou ás potencias europeas o desejo de que a Italia não seja occupada por tropas estrangeiras.

— Dá-se como resultado da entrevista do imperador da Russia com o principe da Prussia em Breslau, o accordo de marcharem unidas estas duas potencias na questão italiana.

— Diz-se que finalmente a Inglaterra annuiu a assistir ao congresso europeu que se deverá reunir em Bruxellas.

— Os temporaes que tem caído em Londres hão feito grandes estragos. Mais de trezentas chaminés foram derrubadas, e diz-se que cem pessoas morreram afogadas no Tamisa.

— Continua o enthusiasmo em Hespanha relativamente á guerra com Marrocos. A junta do commercio de Sevilha offerceu dez mil duros para as despesas d'esta guerra, e assim como esta corporação á porfia concorrem os donativos.

— Em Napoles o general Filangieri tornou a tomar conta do ministerio da guerra.

— O exercito napolitano, que está concentrado nos Abruzos, acha-se bem fornecido de viveres, e tem o caracter de exercito de observação.

— A colheita do vinho do presente anno, nos terrenos da demarcação do Douro, foi fixada em dezeseite mil duzentas noventa e duas e meia pipas.

— O vapor *Bartholomeu Dias* vae fazer nos mares d'África uma estação de tres annos.

— Na freguezia de Fonte Boa, concelho de Espozende, uma mulher deu á luz tres creanças vivas, de um parto.

— No mez de Setembro extrahiram-se da barra do Porto quatrocentos quarenta e quatro metros cubicos e oitenta centímetros de pedra.

— No mez de Outubro, em nove dias de trabalho, extrahiram-se da mesma barra cento e seis metros cubicos.

— No districto de Coimbra lamentam-se os estragos que a chuva ali tem produzido. Os lavradores depois de tres sementeiras de milho, nem a ultima puderam aproveitar, porque a invernia veiu apanhar-lhes os milhos ainda verdes, e outros secando-se nas eiras.

— A colheita do feijão, que no começo se apresentou tão esperançosa, perdeu-se quasi toda.

— No dia 23 de Dezembro hade haver no Rocio de Santa Clara, em Coimbra, exposição de gado lanigero e suino. Os gados para serem n'ella admittidos devem ter nascido em territorio portuguez, ou, sendo estrangeiro, terem seis mezes de criação em Portugal.

— Até ao dia 15 de Novembro é esperado em Lisboa o senhor Salamanca, para dar começo aos trabalhos das vias ferreas que lhe foram adjudicadas.

— Também no principio do referido mez deverá achar-se em Lisboa o senhor conde de Clarranges Lucotte, em companhia de um engenheiro belga, para levar finalmente a effecto a empresa do caminho de ferro de Cintra.

— Trata-se da demolição do adro da igreja do Loreto.

— As recreações que o distincto prestigiador mr. Herrmann tem dado no theatro de S. Carlos hão sido muito applaudidas. D'esta cidade parte para o Porto no principio do mez de Novembro.

— A senhora Emilia das Neves foi escriptura da para um dos theatros da referida cidade.

Salvador Correa de Sá e Benavides.

Salvador Corrêa de Sá e Benavides viu a luz em 1594 e recebeu o baptismo na freguezia de S. Sebastião, hoje sé velha, do Rio de Janeiro. É um facto que está sufficientemente provado para se poder taxar de falsa a opinião sem fundamento, a que deu origem um escriptor castelhano, de haver o mesmo Salvador nascido em Cadiz; porventura sem outro argumento mais do que o ser de Cadiz sua mãe D. Maria de Mendonça e Benavides, filha do governador d'esta praça, D. Manuel Benavides. Martim de Sá, seu pae, filho do primeiro capitão-mór do Rio de Janeiro, muito se avantajara em dignidades e honrosos encargos, e sua mãe tanto não carecia de nobreza, que Salvador Corrêa, primo-

genito de ambos, herdou tambem para sempre o nome e as armas da familia materna.

Os primeiros annos da biographia de Salvador Corrêa acham-se, como os de quasi todos os guerreiros, involtos em mysterios e incertezas: só apparece o heroe desde que elle começa a grangear este titulo, que é tambem só desde quando a biographia começa de ser util e interessante. É natural que passasse a infancia em companhia de seu pae, o qual em 1608 concluiu os seis annos de seu primeiro governo do Rio de Janeiro. Entrou no serviço em 1612, e distinguio-se pela primeira vez conduzindo de Pernambuco a Lisboa um comboi de trinta navios a salvo das piratarías hollandezas. Voltado ao Rio de Janeiro, promoveu o alistarem-se na capitania de S. Vicente trezentos homens, com os quaes partiu em duas caravelas e tres canoas de guerra em reforço da expedição que saíra de Lisboa em 24 de Novembro de 1624 com destino de expulsar os hollandezes da Bahia. Indo para esta cidade aportou na capitania do Espirito Santo, e em terra alcançou de embuscada uma victoria contra alguns hollandezes, que ahí ousaram desembarcar. Chegada á Bahia, meado d'Abri! de 1625, não concorreu pouco para o bom exito da recuperação d'esta cidade, realisada no 1.º de Maio seguinte, antes de n'ella completar um anno o dominio hollandez.

Em 1634 foi Salvador Corrêa nomeado almirante do mar do Sul, com ordem de ir combater os rebeldes que se apresentavam ameaçando a provincia do Paraguay. Esta nomeação lhe proporcionou favoravel ensino de reforçar com mais provas o seu valor e talento militar. Dentro em pouco desbaratou os caleguis, fazendo prisioneiro o seu caudilho D. Pedro Chamay, que por mais de trinta annos resistira com mão armada. A provincia de Tucuman ficou perfectamente pacifica com o ganho da batalha de Palingarta em 1635. A gloria d'estas victorias foi alcançada por Salvador Corrêa á custa de doze feridas de frecha. Estes serviços não ficaram no olvido; é o soberano quem os confirma na honrosa carta patente datada de 21 de Fevereiro de 1637, em que o nomeia capitão-mór e governador do Rio de Janeiro. Por estes tempos se effectou o seu casamento com D. Catharina Velasco, filha de D. Pedro Ramires de Velasco, governador do Chili.

No meado de 1640 começaram em S. Paulo os motins e tumultos contra os jesuitas, por estes quererem pôr em execução as leis que iam acabar com o captivo e trafico dos indigenas, autorizados por uma bulla do papa Urbano viii que lhes outorgava para tal fim poderes temporaes. Salvador Corrêa escreveu para S. Paulo estranhando o procedimento dos habitantes e convidando-os á conciliação. Porém todas as instancias, todas as ameaças, e até todas as promessas, gabos e louvaminhas foram baldadas. Os altivos paulistas mostraram-se surdos ás suas reclamações; e um novo acontecimento, grande em si e em seus resultados, lhes alimentou mais esperanças em suas pretensões.

No dia primeiro de Dezembro de 1640 rebentara na metropole lusitana a revolução que motivou não exceder a sessenta annos o periodo de subjeição a Castella dos territorios em que a lingua portugueza fôra cultivada, polida e propagada á custa de trabalhos, despesas e sangue. D. João iv foi tambem aclamado rei em todas as capitancias do Brazil da Bahia para o sul, mediando só o tempo necessario para percutirem tão longe os brados metropolitanos: no Rio de Janeiro soaram tres mezes depois. Salvador Corrêa, aproveitando-se do alvoroço e expectação occasionados por esta mudança, convidou de novo os habitantes da dita provincia de S. Paulo a que enviassem ao Rio de Janeiro procuradores do povo autorizados para tratarem de uma composição com os jesuitas. Porém ainda d'esta vez foi frustrada a sua destreza. Os paulistas, desvanecidos com o sabido heroismo que desinvolveram n'esta revolução, protestaram de novo contra tudo que fosse libertar os indios. Salvador Corrêa reconheceu então a sua presença essencial para ultimar a questão; e formava planos de ir á provincia de S. Paulo, quando recebeu da córte novas instruções e despachos que a isso o resolveram definitivamente. Entregando pois o governo ao seu immediato, partiu para o porto de San-

tos, aonde, depois de alguma demora proveniente da recalcitração dos revoltosos, proclamou a conciliação, conseguiu que os habitantes elegessem quarenta e oito procuradores para tratarem do negocio, e retirou-se deixando tudo em paz.

Por alvará e regimento de 26 de Março de 1644 foi nomeado general da frota n'essa epoca organizada afim de escoltar e proteger os navios de commercio do Brazil. Em 8 de Junho lhe foram conferidos amplos poderes para explorar as minas, em conformidade do regimento 7 de do mesmo mez. Lemos que n'esta occasião se lhe fizeram promessas mui lucrativas e honrosas, no caso de levar a cabo taes explorações com vantagem decisiva. Recebeu tambem então o despacho para occupar um lugar de deputado do conselho ultramarino. E como de todos os encargos julgasse mais transcendente o de general da frota, delegou os poderes dos outros, e no desempenho d'este fez tres viagens a Portugal; na primeira das quaes com trinta e sete velas, prestou tal soccorro a Tamandaré, que muito contribuiu ao bom exito da empresa de João Fernandes Vieira.

Os seus admiradores, ou, segundo outros, os seus emulos o lembraram então para commandante de uma empresa tentada em soccorro do reino de Angola, afim de ahí estabelecer um presidio que protegesse o commercio portuguez, que estava em ancias desde a morte do governador Souto Maior. Salvador Corrêa foi nomeado, e ao mesmo tempo recebeu ordem de tomar precedentemente posse do governo das tres capitancias da repartição do sul do Brazil, afim de, em quanto ahí esperava as forças que lhe haviam de ser enviadas, cuidar da sua defesa, e promover a agencia dos bastimentos para a armada da Bahia, e para a projectada jornada de Angola: e afim de que mais facilmente podesse tudo alcançar, lhe foram remettidos poderes para conceder perdão a muitos comprometidos. Entrando a barra do Rio de Janeiro encontrou já ahí cinco galeões de todo prestes, com que não contava tão breve. Quatro mezes de demora foram bastantes para que, apregoando com zelosa diligencia o damno que resultaria ao Brazil se ficasse Angola em mãos inimigas, apas das vantagens que viriam a este estado da occupação d'aquelle reino, conseguisse ajuntar um donativo de oitenta mil cruzados; — quantia por certo exorbitantemente avultada, e porventura até ruinosa para a praça do Rio de Janeiro, como depois se viu. Todavia tal somma concorreu a se poderem apromptar mais dez vasos com todo o municiamento e guarnição, além de novecentos homens de tropa de desembarque. D'estes vasos foram quatro equipados ás expensas do governador.

Continua.

Vista da cidade de Leiria.

Se Leiria não é a antiga *Collippo*, que os romanos conheceram e de que Plinio faz menção no livro 1.º cap. 1.º, ha toda a probabilidade, segundo os mais acreditados escriptores, de que as ruínas da antiquissima povoação serviram para a primitiva construção da mais moderna. Será difficil averiguar este ponto, de modo que se possa estabelecer uma evidencia historica absoluta, até porque muitos dizem vagamente que a situação de Collippo era entre Coimbra e Evora d'Alcobaça, e ha quem assigne como seu local um lugar chamado S. Sebastião. Os romanos chamavam a Evora dos coutos *Eburobritium*; passaram pelo territorio circumvisinho, que era muito povoado; não ha portanto argumentos de inverosimilhança contra a existencia de uma cidade proxima d'ali.

A pareença dos nomes de Liria no reino de Valença e de Leiria em Portugal, não nos parece sobre fundamento para se affirmar que os habitantes d'aquelle fundaram esta, antes que o capitão Sertorio, batalhando contra os seus, se posesse á frente dos lusitanos contra as tropas do Lacio. Estas antiguidades da nossa patria andam tão confusas e controversas, que muitas vezes os escriptores não atinam com o que devem dar por certo, ficando campo aberto para os mais ousados violentarem etymologias a seu bel-prazer. Todavia não era o lugar de tão pouca importancia, durante o

domínio dos conquistadores do universo na Lusitania, que não estabelecessem n'elle um governo para certo e demarcado territorio, e que não deixassem n'este chão vestígios do seu poder. A entrada do castello da banda do sueste se descobriram pedras tumulares de marmore branco com veios encarnados; e ainda que as inscripções são mui difficéis de decifrar, pode colligir-se de duas que Tito Avito Aviciano, prefeito dos mantimentos e generos cereaes n'aquelle departamento, erigira monumentos com aquellas lapidas aos manes de pessoas de sua familia.

Provavel é que em tempo dos arabes fosse Leiria lugar forte, porque D. Affonso Henriques em 1135 a tomou aos infieis, e ou restabeleceu ou fundou o castello, construindo muralhas para defensão da praça, o que não impediu que os moiros a tomassem de novo. O nosso primeiro monarcha fortificou-a para obstar ás invasões e correrias dos inimigos, que a esse tempo possuíam Santarem e infestavam os campos até Coimbra: edificou o mesmo rei no proprio monte do castello uma igreja consagrada a Nossa Senhora da Penha de França, que no futuro se converteu em cathedral, e doou-a a S. Theotônio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, e á sua congregação de conegos regrantes de Santo Agostinho, a quem por muito tempo pertenceu. Durante a guerra de D. Affonso Henriques com seu primo, D. Affonso VII de Leão e Castella, os moiros, aproveitando a occasião, caem sobre Leiria com grande exercito e a tomam: breve porém se gosam do triumpho e posse, porque

..... o rei subido
A tomar vae Leiria, que tomada,
Fôra, mui pouco havia, do vencido.

E' tradição que tendo el-rei assentado o seu arraial n'umas alturas proximas á cidade, a que hoje chamam o cabeço d'el-rei, veiu poisar um corvo na copa d'um velho e corpulento pinheiro, e assim que os nossos começaram a investir o castello começou elle a bater as azas e a gritar como de contente: então os soldados tomando o caso por bom agouro arremetteram á porta da traição e ganharam a fortaleza: e d'este successo tomou Leiria por armas um corvo sobre um pinheiro. Novo estrago soffreu a povoação com outra entrada dos agarenos; mas logo a restaurou D. Sancho I, dando-lhe foral aos 13 de Abril de 1195. Por vezes a ennobreceram os nossos reis com sua presença, nomeadamente el-rei D. Diniz e sua esposa a rainha Santa Isabel, que habitaram no recinto do castello, e n'uma villa proxima, chamada desde então Monte-real. Este mesmo monarcha, por antonomasia justissima o rei lavrador, conhecendo as vantagens de possuir madeiras no reino e a necessidade de obstar á invasão das areias, que esterilisa o chão cultivavel, mandou plantar o pinhal, que em nossos dias se tem dilatado, e é presentemente uma riqueza nacional. Corre fama de que para esse fim mandara vir de França o pinisco, desvelando-se, como principe avisado e benfazejo, em legar aos seus povos um beneficio, que, no entender d'um grave escriptor, lhes tem sido mais proveitoso que muitas victorias. E com effeito, além da multidão de pessoas que occupa o pinhal de Leiria, hoje estendido pela costa e logares prosperos para o plantio dos pinheiros, que abundancia de lenhas que fornece para o lume e para o consumo da fabrica dos vidros da Marinha grande! E sobre tudo que immensa porção de optimas madeiras para diversas construcções, e de que o estado muito aproveita: porque felizmente este vasto e importante predio nacional é bem administrado. Os cerneiros, isto é, os paus a que se tem tirado todo o alburno, são excellentes para a construcção de casas, e nada tem que invejar a madeiras do norte. Sem contarmos outros muitos proveitos, lembraremos o que resulta a favor d'aquelle districto.

Leiria, que de villa fôra feita cidade por D. João III, a instancias do mesmo obteve de sua santidade, Paulo III, a dignidade de sé episcopal no anno de 1545. A cathedral está no monte do castello, onde fôra a igreja da Senhora da Penha de França, e é fabrica sumptuosa de tres naves, muito bem conservada. O paço do bispo, em sitio emi-

nente, é um bom edificio e achá-se tambem em bom estado.

Jaz Leiria na faldá de leste d'um monte, assento do castello, pegado com um valle delicioso e fertil, entre os rios Liz e Lena, que d'ali a quatro leguas vão entrar ambos juntos no oceano occidental entre Passages e Paredes: concorrendo esta circumstancia para que o paiz seja fertil em grãos, frutas e legumes, bem como o é em vinhos, criação de gados e caça. A posição de Leiria é saudavel e muito amena. Contém no seu recinto a freguezia da sé e a de S. Pedro que tem os parochianos extra-muros: dão-lhe actualmente dois mil e quinhentos habitantes pouco mais ou menos. Tem casa de misericórdia com hospital para os enfermos pobres e com igreja para as suas funcções. N'um monte da altura e grandeza da eminencia do castello, da outra parte do rio, entre Sul e Nascente, fica o templo de Nossa Senhora da Encarnação, de regular architectura, que pertence ao povo, a cuja custa foi levantado, e ali vão os devotos de romaria á imagem que no mesmo se venera. O convento de S. Francisco, de menores observantes, era o mais antigo d'esta ordem em Portugal, e tinha sido fundado pelos annos de 1384 por el-rei D. João I em satisfação de casar com a rainha D. Filipa sem dispensa, sendo professo na ordem militar d'Aviz. O convento de Santo Antonio, de capuchos arrabidos, foi fundação de Pedro Vieira da Silva, ministro de muitas letras e virtudes, que foi secretario d'estado dos senhores reis, D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II em quanto regente, e plenipotenciario da paz ajustada com Castella em 1668, e depois de ter casado com D. Luiza de Noronha, enviuvando, se fez clérigo, e veiu a ser bispo d'esta cidade de Leiria, onde fundou o seminario, contando-se o decimo na serie dos prelados da mesma. O convento de Santa Anna, de religiosas dominicas, foi erecto por D. Catharina de Castro, filha de D. Fernando, segundo duque de Bragança, a qual deixou ás freiras toda a sua fazenda; e o papa Alexandre VI approvou a fundação por bulla expedida em 1494. Havia tambem um convento d'eremitas de Santo Agostinho.

Entre a cidade e o rio ha um ameno campo ou rocio, e á beira d'agua se plantou um passeio de arvoredo para recreio dos habitantes. No mesmo rocio está continuamente manando a fonte chamada quente, provavelmente por sairem tepidas as suas aguas: além d'esta ha outra denominada a fonte grande, com duas bicas. A fonte do Freyre fica junta ao monte de Santo Estevão; e a que os antigos escriptores chamam os olhos de Pedro brota ao pé do monte de S. Miguel, com a particularidade de serem duas nascentes, que saem ambas da mesma penha, deitando uma agua quente e outra agua fria, e em muita abundancia.

Leiria dista de Coimbra doze leguas, e de Lisboa, para o norte, vinte e duas: foi na antiga divisão do reino cabeça de comarca, e hoje o é de um districto administrativo e d'um circulo eleitoral. Teve assento nas côrtes dos tres estados; e n'ella as celebraram, segundo diz Carvalho, D. Affonso III em 1254, D. Fernando em 1376, D. Duarte em 1437. Por doação regia de 4 de Julho de 1300 foi sua donataria a rainha Santa Isabel; e depois o foi a mulher d'el-rei D. Fernando, que a teve por breve tempo, sendo dada ao conde D. Gonalvo, irmão d'ella; mas D. João I revogando a doação, a incorporou na corôa, para mais não ser desannexada. Foram seus alcaides-môres os marquezes de Villa Real, que além dos aposentos do castello, que habitaram por algum tempo, tinham boas casas junto ao rio, onde poisavam, vindo á cidade. Em Leiria se creou o primeiro duque de Bragança, D. Affonso; e d'ella era natural o cardeal, patriarcha que foi de Lisboa, D. Fr. Patricio da Silva.

A Leiria, com alguma probabilidade, cabe a gloria de ter possuído a primeira typographia que houve nas Hespanhas.

Vista do edificio de Santa Cruz de Coimbra.

Foi o creador do insigne mosteiro de Santa Cruz de Coimbra o arcebispo da sé da mesma cidade, D.

Tello, que tendo em Jerusalem observado o regular e piedoso instituto dos conegos do Santo Sepulchro, quiz, á imitação d'estes, estabelecer uma casa na sua patria onde se podesse dar á vida contemplativa, e que ao mesmo tempo viesse a ser viveiro de pregadores apostolicos, de que o reino muito carecia. Para levar ao fim este intento erigiu nos arrabaldes de Coimbra, onde chamam os banhos da rainha e havia uma igreja da invocação de Santa Cruz, um templo e cenobio, a que se recolheu com alguns companheiros, adoptando a regra de Santo Agostinho, aos 24 de Fevereiro de 1132. Uma das principaes glorias de Tello foi o ter sido mestre de S. Theotônio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra. D. Affonso Henriques, sendo ainda infante, tanto se affeicou a estes pios varões que determinou de lhes alargar e aformosear a habitação, de forma que ficasse com capacidade para mais setenta e dois conegos além dos doze primitivos, e tambem o levantar igreja mais ampla que servisse de capella regia, e viesse a ser jazigo d'elle principe: o que com effeito realisou á custa de sua fazenda.

Elrei D. Manuel renovou, augmentou e enriqueceu com obras novas este mosteiro, e por sua ordem se fizeram os sumptuosos mausoleos de D. Affonso Henriques e de seu filho, D. Sancho I, collocados dentro da capella mór; o primeiro da parte do Evangelho, e o outro em correspondencia. Todo o edificio é mui vasto; e a igreja espaçosa, fabricada de cantaria, tem de comprido cento e cincoenta palmos, de largo quarenta e oito, de alto até á abobada cento e dois palmos: o cruzeiro tem de comprido a largura da igreja e de largo vinte e oito palmos: a capella mór mede até o primeiro degrau quarenta e seis palmos, por uma largura de trinta e seis, os degraus tem tres braças até á parede do retabolo que com o altar faz uma formosa perspectiva. O côro alto á entrada tem seis braças de comprimento por cinco de largura, com setenta e duas cadeiras, as quaes são de madeira, que el-rei D. Manuel mandou vir d'Alemanha, com pinturas de passagens do Testamento velho e copia de adornos assaz engenhosos. A sacristia, que passa por ser uma das mais formosas do reino, conta setenta e dois palmos ao comprido e quarenta e sete ao largo. O santuario e magnifico e rico de preciosas reliquias em que entram os Santos Martyres de Marrocos que trouxe de Africa a este reino o infante D. Pedro, irmão d'el-rei D. Affonso II. Considerada pelo que respeita á architectura e lavor de pedra, é a portada principal uma das coisas mais dignas de ver-se.

Além da portaria mais proxima á igreja ha uma claustra guarnecida de arcaria com sua fonte no meio e tanque de marmore, e junto, para o oriente, a casa da portaria ou parlatorio, e logo o claustra principal, quadrado, com cento e sessenta palmos por lado, com abobada e pilstras de cantaria; n'elle se contém quatro capellas. Na casa do capitulo ha tambem uma capella de pedra mui bem lavrada, onde está o sepulchro de S. Theotônio.

Abbadia de S. Diniz em França.

S. Diniz, apostolo da França e primeiro bispo de Paris, foi mandado de Roma ás Gallias no meiodo do seculo III. Affirmam alguns escriptores que no lugar onde padecera martyrio pela fé se erigiu uma igreja, e que n'este mesmo sitio está hoje a abbadia de S. Diniz. Sabe-se que Dagobert o no seculo VII levantara um templo no lugar de uma capella denominada dos Santos Martyres; que n'ella fôra sepultado, e igualmente o foram muitos dos seus successores; que Pepino, o pae de Carlos Magno, mandara construir novo e mais espaçoso edificio, que se concluiu no tempo de seu filho. Augmentado depois pela munificencia dos monarchas posteriores, e largamente dotado, o mosteiro de S. Diniz cresceu em poderio e riqueza, de forma que o abbadie era omnipotente dentro dos limites da sua jurisdicção. Se na igreja de Rheims se celebrava a sagração dos soberanos reinantes de França:

as insignias eram, por assim dizer, propriedade da igreja de S. Diniz, sendo transportadas a Rheims por alguns religiosos na ocasião da coroação de novo monarcha: a abbadia gozava o privilegio de ser a sepultura privativa dos príncipes.

Antes da revolução franceza, existiam ali os tumulos de quasi todos os reis e rainhas, príncipes e princezas, e de muitos homens celebres de França. Aos 31 de Julho de 1793 a convenção promulgou um decreto no qual se determinava a abolição dos tumulos dos reis em S. Diniz, e em todo o reino. Começaram-se as exumações em Outubro, e arrancaram-se de seus jazigos os ossos que ali repousavam. Felizmente, porém, os amigos das artes sollicitaram e conseguiram na convenção que se nomeasse uma comissão appellada dos monumentos para preservar os que fossem dignos de excepção. Aos esforços dos membros d'esta comissão deve a França a salvação dos mausoleos, que foram trasladados depois para o seu local primitivo, o templo de S. Diniz, o qual successivamente se tem reparado dos estragos do tempo, substituindo-se lãço por lãço, de forma tal que em lugar de qualquer pedra, que falta, se colloca outra da mesma forma e dimensões, e acertada com o gosto de architectura e construção saliente nos restos do antigo edificio.

Depois da violação dos tumulos, e da nova trasladação



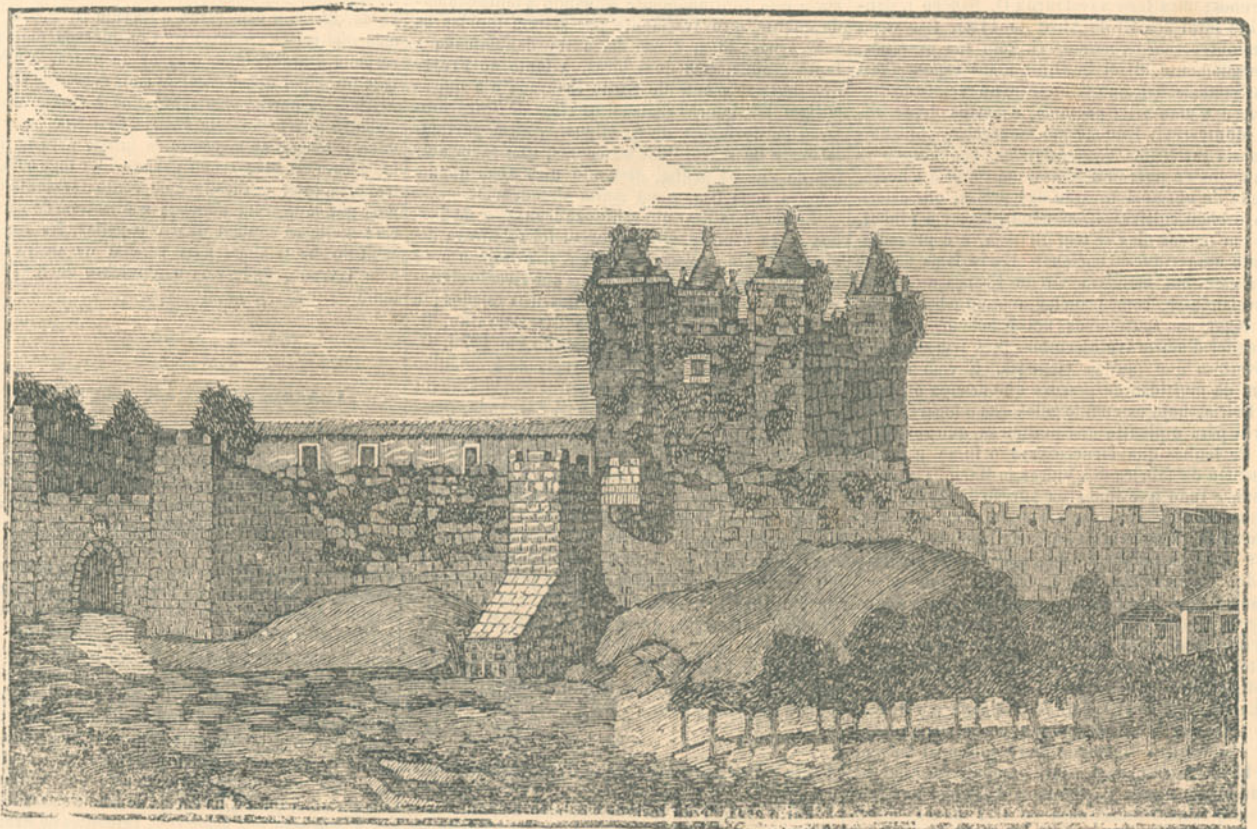
Abbadia de S. Diniz em França.

para S. Diniz, só ficaram na igreja os mausoleos de Dagoberto, de Francisco I, que é magnifico, de Luiz XII e dos Valois.

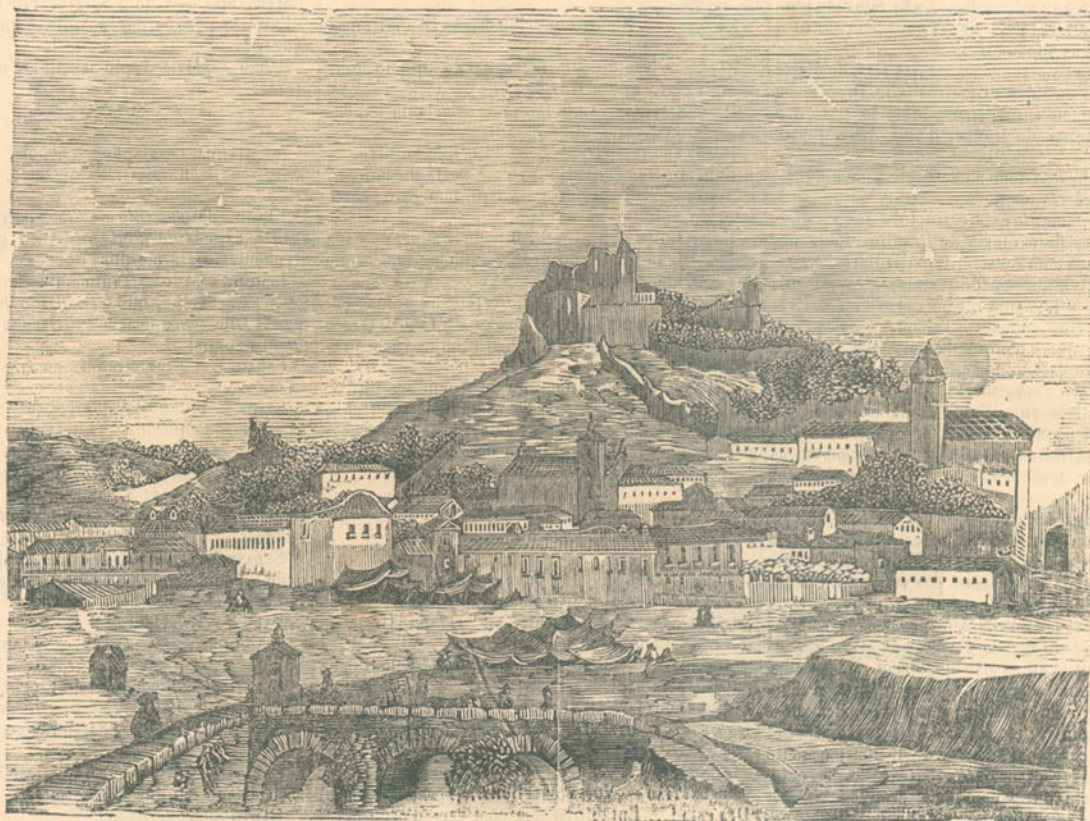
Castello da Feira.

É para lastimar que sendo este edificio um dos mais velhos monumentos de Portugal, e das mais perfeitas antiguidades que hoje temos, ainda ninguém se lembrasse de ter feito d'elle memoria ou descripção: a remotissima origem d'este castello; as torres terminadas por corucheos pontegudos, cujas cimas eram guardadas de grandes tulipas de granito; as seteiras abertas no centro das ameias, nas quadrellas e lanços dos muros, torções e outros logares das muralhas, tornam, aos olhos do observador curioso, este monumento, além de mui interessante, digno de escrupuloso exame.

Mas ainda até hoje ninguém pôde acertar com quem fosse o fundador do castello; disseram uns que este monumento era obra dos romanos, affirmaram outros que seus edificadores foram os godos, firmando sua asserção no feitto das seteiras em forma de cruz, e na existencia de uma especie de oratorio, que está no grande casão das quatro torres; outros finalmente asseveraram que era obra de moiros. Seja como for, estas opiniões são todas fundadas em conjecturas



Castello da Feira.



Vista da cidade de Leiria.



Vista do edificio de Santa Cruz de Coimbra.

vagas, ou tradições antigas, mas que não tem memoria ou monumento que as autorise, e por mais diligencias que se tenham feito, não tem sido possível achar inscripção ou signal que possa dar uma leve idéa de seus fundadores.

Nas chronicas portuguezas apenas se falla d'este castello como um dos primeiros que D. Affonso Henriques tomou aos moiros, quando passou á margem esquerda do Douro, d'onde dista quatro leguas e meia.

Este edificio, que tem a perspectiva de um templo moirisco, é realmente um alcaçar, o que se reconhece perfeitamente pela estrutura das paredes, todas formadas de cantaria de granito. Cada pedra é designada com caracteres particulares, e mostra que era dividido em dois andares e uma loja terrea. Sobre a abobada d'este casão está o eirado, acima de cuja superficie sobem as quatro torres, uma das quaes dá subida para este sitio por uma escada de caracol, para onde se entrava pelo segundo andar. Estas torres, além do pavimento que fica paralelo ao eirado, tinham outro mais elevado quasi proximo aos corucheos que serviam de guaritas ou mirantes, d'onde se descobriam as costas do mar desde o sul de Mira até quasi á foz do Douro.

Os corucheos das quatro torres são pyramidaes; os angulos em vez de pyramides de pedra tem corucheos macissos mais pequenos, sendo tanto uns como outros terminados por tulipas de pedra de granito, e formados de tijolos mui rijos com argamassa de cal misturada com pedaços de concha.

A superficie do eirado é abaulada para que as aguas das chuvas ali se não demorem. Ha nas suas extremidades um aqueducto, que d'antes recebia estas aguas e as conduzia por canos de alcatruzes de barro a uma grande cisterna formada dentro dos alicerces do casão. Tem além d'isto um parapeito saliente da parte exterior da parede do nascente, e para o norte outro com dois grandes buracos redondos, que serviam para por elles lançarem combustiveis e outras coisas que embarçassem o inimigo de apoderar-se da porta do alcaçar, que fica para o mesmo lado do norte, e que dava entrada por uma escada de caracol para o primeiro e segundo andar: todo o eirado é guarnecido de parapeitos e ameias abertas no centro com sétteiras em forma de cruz, mas estas ameias e parapeitos estão pela maior parte obstruidos de hera que se tem assenhoreado da maior porção das paredes.

O segundo andar immediato á abobada nada tem de notavel.

No primeiro existe como já se disse uma especie de oratorio guarnecido com duas pequenas columnas gothicas com capiteis da mesma ordem, e uma especie de throno com degraus de granito. No andar terreo quasi a um canto existe a entrada para a cisterna, que se acha toda entulhada.

Uma das obras mais singulares d'este monumento é um poço quadrado, que se suppõe ser de grande profundidade: é forrado de pedra de cantaria e a elle se desce por uma escada de caracol que lhe fica ao lado, guarnecida de grandes janellas ponteagudas voltadas para o poço, e postas em linha perpendicular. Este poço suppõe-se muito entulhado, mas ainda existem quatro janellas livres na altura de quarenta e dois palmos.

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Continuação

SCENA XII.

OS MESMOS, D. CHRISTINA, BARÃO D'OLIVEIRA, CESAR E SEBASTIÃO, dando o braço a MARGARIDA e a ADELAIDE.

SEBASTIÃO (acompanhado de Cesar, que o não deixa, faz sentar Adelaide e Margarida no sofá) — Toco muito mal, e muito pouco. (á parte) Onde foi este demonio descobrir-me a flauta?

CESAR (dando-lhe a caixa da flauta) — Ora va-

mos, pegue lá o seu instrumento... eu tambem tenho ali a minha rebecca... descanse, havemos de harmonisar...

EDUARDO — O nosso querido barão não faltou ao sarau.

BARÃO — Não o podia fazer, sendo aqui do agrado de s. ex.^a (para D. Christina).

D. CHRISTINA — Confunde-me com tanta bondade e delicadeza, senhor barão.

FERNANDO (á parte) — Não sei o que resolva.

EDUARDO (ao barão) — V. ex.^a gosta de dançar?

BARÃO — Estou velho para isso. meu caro; gosto mais de entreter-me, vendo.

EDUARDO (a Cesar) — Bem pode ir afinando a sua rebecca, deve haver ahí grande influencia no animo dos convidados.

CESAR — Pela minha parte estou prompto. (vae abrir a caixa da rebecca e começa a afinar-a) O meu querido senhor Sebastião de Miranda, vá-se preparando tambem.

SEBASTIÃO — Tenho muito gosto em ser util... em ter prestimo para de alguma forma entreter... (á parte) Deixa estar que heide entalar-te. (assoprando na flauta; Cesar toca na rebecca).

SCENA XIII.

OS MESMOS, JULIO e JOÃO DE CASTRO.

JULIO — Bravo, já se ouve musica!

JOÃO DE CASTRO — Viva o nosso caro Cesar. (olhando para Sebastião) Ah! ah! ah! (rindo) Gosto de o ver assim!

CESAR — Quem gosta de walsa pode escolher par; eu estou ás ordens.

EDUARDO — Walsa! morro por walsar! (offerece logo o braço a D. Christina, porém no momento em que Sebastião vae para fazel-o) V. ex.^a quer honrar-me!...

SEBASTIÃO — Vossa excellen... (vendo-a com par) Ora esta!... Então não fico com cara d'asno outra vez?! Ao menos não hade ser á minha custa que haode divertir-se... juro!

EDUARDO (passando ao lado de Cesar) — Meu caro, eis-nos em campo.

CESAR — Vamos a isso. (executa uma walsa: Eduardo e Christina saem pelo centro para as salas contiguas, onde tem logar o baile).

SEBASTIÃO — Fiquei pintado! (põe a flauta á bocca para tocar) Afine, afine, senhor Cesar.

JOÃO DE CASTRO — Bravo! é magnifico ver Sebastião a assoprar na flauta; digam-me se não se parece com o pastor Giraldo quando lhe dá para tocar clarinete.

BARÃO — Faz o que pode.

JOÃO DE CASTRO — Olhem, meus amigos, faziam serviço se fossem tocar para a outra sala, porque d'aquí não os ouvem, e a nós ensurdecem-nos.

(Cesar e Sebastião entram tocando para a outra sala).

FERNANDO — E' certo que os nossos ouvidos ficam mais socegados, e os pares dançam debaixo d'outra animação.

JOÃO DE CASTRO — Repare, barão, que figura a do pobre Cesar com a cabeça deitada na rebecca, e o braço fogo que fogo... (rindo) Ah! ah! ah!

BARÃO — Pobre moço, é hoje victima d'estes assaltos.

JULIO (chegando-se a Margarida) — Porque heide vê-las sempre tristes esta noite?

MARGARIDA — Porque nem sempre se encontra alegria no meio de uma festa.

JOÃO DE CASTRO — E aquelle pobre flautista já a deitar os hofes pela bocca fora... assopra, assopra, meu amigo.

BARÃO — Vamos, se não fossem elles, as damas poderiam queixar-se de insipidez.

JOÃO DE CASTRO (indo a Julio que conversa baixo junto ao sofá com Margarida e Adelaide) — O meu caro... não percas um tempo precioso... (tomando-lhe o braço) A musica convida, e talvez que alguma dama te espere para seu par... Anda, vae... vae divertir-te, meu amigo... (leva-o ás entradas do fundo, e impelle-o para as outras salas) Dança, dança, não esperdeses tão bons momentos... (volta ao lado do barão).

MARGARIDA — Meu marido desconfia do grande mysterio que ha entre nós e Julio.

ADELAIDE — Só desconfia de mim, e é uma providencia.

MARGARIDA — E tu a sacrificar-te!

FERNANDO (ao barão) — V. ex.^a quer entreter-se a jogar?

BARÃO — Mais tarde acceptarei o convite com prazer.

SCENA XIV.

OS MESMOS, CESAR, pouco depois, SEBASTIÃO, D. CHRISTINA, e JULIO.

CESAR (no momento de Cesar entrar escutam-se apenas os sons da flauta) — Oh! que desgraça! arrebetaram-se-me duas cordas á rebecca!

JOÃO DE CASTRO — Tanto quiz afinar, tanto apertou a escaravella, que o resultado devia ser esse... fogo! Que pena ficarmos privados da rebecca do nosso amigo...

BARÃO — N'estas circunstancias é uma falta sensivel.

CESAR — Então que querem, o senhor Sebastião afinou tanto, que me vi obrigado a acompanhá-lo tambem, e afinal... (á parte) Sufa! toda a noite a tocar... tanto as fui apertando até que arrebetaram. Agora a flauta que os divirta. (n'este momento ouvem-se os sons da flauta agudos e desafinados).

SEBASTIÃO (entrando) — Oh! fatalidade! fatalidade! Estou impossibilitado de tocar!

FERNANDO — Tambem o senhor?!...

BARÃO — E' celebre!

JOÃO DE CASTRO — Que é isso, seccaram-se-lhe os hofes?

SEBASTIÃO — Peior, peior... rachou-se-me a flauta de repente, foi ar que lhe entrou.

JOÃO DE CASTRO — Uma apoplexia! temos historias!

SEBASTIÃO — Pensam que minto? Vejam o miserio estado em que ficou. (mostra a flauta).

BARÃO — E' verdade!

SEBASTIÃO (á parte) — Eu é que a rachei com o canivete para me ver livre. (alto) Senhor Cesar, acuda áquelles pares que lá andam continuando sem musica.

CESAR (á parte) — Velhaco! (alto) Ó meu caro, identica fatalidade veiu por cá... foram-se-me duas cordas á rebecca!

SEBASTIÃO (á parte) — Ui! que tratante! (alto) Ora essa! então o senhor esticou as cordas a esse ponto?!

CESAR — E o senhor soprou de maneira que arrombasse o canudo á flauta?!

BARÃO — Logo os dois... parece incrível!

JOÃO DE CASTRO — Meus amigos, aqui andou tramaia...

CESAR e SEBASTIÃO (apresentando cada um o seu instrumento) — Olhem.

Todos (rindo) — Ah! ah! ah!

D. CHRISTINA (que vem pelo braço de Eduardo, e é seguida de Julio) — E' muito mal feito! cessarem de tocar quando a influencia e o ardor da walsa se pronunciava em favor dos pares...

EDUARDO — Parece que estavam combinados.

JULIO — Cesar, isso é muito mal feito, e muito ridiculo.

CESAR — Pois sim, isso é verdade; mas vejamos se descobrem meio de tocar n'uma rebecca em que faltam duas cordas.

SEBASTIÃO — Sim, digam-me se alguém tira sons de uma flauta rachada.

D. CHRISTINA — Não haverá meio de remediar...

CESAR e SEBASTIÃO — Nenhum, nenhum.

JULIO — Agora que a dança começava a inspi-rar...

BARÃO — O que posso fazer é offerecer-me para tocar alguma coisa ao piano.

D. CHRISTINA — Aceito, senhor barão, e agradeço-lhe. Remediamos d'esse modo uma falta deploravel.

(Os convidados vão entrando, uns sentam-se, outros jogam nas bancas do fundo, etc.).

SCENA XV.

OS MESMOS, JOSÉ DE MIRANDA, SIMÃO.

JOSÉ DE MIRANDA — Bravo, a reunião está inte-

ressantissima. A walsa foi magnifica, arrebatadora!
SEBASTIÃO — Divertiu-te a walsa?

JOSÉ DE MIRANDA — Muito!

D. CHRISTINA — Tenho ouvido dizer que o senhor Julio de Menezes dança admiravelmente a nova polka; quero que seja meu par na primeira.

JULIO — A escolha de v. ex.^a lisonjeia-me infinitamente.

SIMÃO — Quero vê-lo polkar; dizem que é voluptuoso e elegante. D'esta vez, arrisco-me tambem.

JULIO (a D. Christina) — V. ex.^a tinha prometido recitar-nos uns versos...

D. CHRISTINA — Ia-me esquecendo, mas pago a promessa. Quer ter a bondade de me coadjuvar? (mostra-lhe o piano onde Julio toma logo assento) Papá, vou satisfazer-o recitando aquelles versos do meu album, fragmento da sua predilecção. A musica escolhida parece-me mais inspirada do que a poesia.

EDUARDO — Silencio! silencio!

JULIO — Quando quizer, minha senhora. (passa os dedos pelo teclado, começando a musica já conhecida no principio do acto).

SEBASTIÃO — Atenção, meus senhores, atenção.

D. CHRISTINA (ao som do acompanhamento):

Do baile a noite de festivo encanto
Durou momentos no folgar veloz;
Os sons divinos de harmonias santas
Em si levavam do prazer a voz.

De branco a dama, namorada vinha,
Lançando a todos desdenhoso olhar...
Mas eis que subito um sorriso gelido
Lhe veiu ás faces o carmim roubar.

Era um mancebo que passava ao lado
Sorrindo ás fallas de nascente amor.
Que uma outra dama pelo braço d'elle
Ebria soltava de extremo ardor.

Vaidade humana! essa visão de branco,
Julgou não ver um desengano aqui!
Baldada esp'rança lhe ficou no peito
Até que o baile viu fugir de si!

(Applausos dos convidados).

ADELAIDE (a Margarida) — Compreheo esta allusão? E' a mim que D. Christina crê sua rival.

MARGARIDA — Tem resignação.

ADELAIDE — Por si, minha amiga, affrontarei tudo.

SIMÃO — Aham bonitos os versos?

SEBASTIÃO — Admiravelmente recitados.

EDUARDO — A condessa de Villa Nova que tem uma graça especial a recitar d'estes versos, não ganha a v. ex.^a na cadencia de inflexões que tão intelligentemente lhe sabe dar.

JOSÉ DE MIRANDA — Realmente transportaram-me esses versos!

FERNANDO (a D. Christina) — Não deixe v. ex.^a de contar-me tambem na lista dos seus admiradores.

D. CHRISTINA — Não posso nem devo ser egoista. O senhor Julio tem direito a metade do quinhão dos complimentos. Agora visto o offerecimento do senhor barão, vamos dever-lhe o obsequio de nos tocar na outra sala, a polka promettida.

TODOS — A' polka! á polka!

JULIO (offerecendo o braço a D. Christina e deitando um olhar para Margarida) — Estou ás ordens de v. ex.^a

D. CHRISTINA (com intenção) — Creio que lhe esquece aqui alguma coisa...

JULIO (olhando para o piano) — Ah! eram as minhas luvas. (tomando-as, á parte) Suspeito a que alludia.

(A maior parte dos convidados tem já passado á outra sala. Alguns conservam-se jogando em quanto que o barão vai executar a polka. Julio em quanto D. Christina.

SCENA XVI.

MARGARIDA e ADELAIDE, pouco depois o CONVIDADO que falla.

MARGARIDA — Para que vim eu aqui, Santo Deus?!

ADELAIDE — E' cruel ter de soffrer no silencio estes golpes que despedaçam o coração.

MARGARIDA — Apezar de tudo, Adelaide, amo-o ainda... amo! Bem sei que é uma loucura isto, mas não tenho forças para me desviar do poder violento que me arrasta! (levando o lenço aos olhos) Olha, minha amiga, o maior beneficio que podia agora dever a Deus, era a morte.

ADELAIDE — Idéas d'essas, minha irmã, são indignas da sua intelligencia, e um crime aos olhos do Deus que invocou.

MARGARIDA — Olha, querida! desejava a morte porque não posso esquecel-o nem odial-o.

ADELAIDE (á parte) — Pobre Margarida!

CONVIDADO (que entra) — Alguma das senhoras faz-me a honra de ser meu par n'esta polka? (a ellas)

MARGARIDA (baixo a Adelaide) — Se não fosse meu marido, saía já d'esta casa.

CONVIDADO (reparando bem em Adelaide) — Será um engano! aquella rapariga aqui!

ADELAIDE (a Margarida) — Convidam-a para dançar... accete para que não reparem.

CONVIDADO — A musica chama-nos.

MARGARIDA — Vamos. (ergue-se. dá o braço ao Convidado e saem ambos pelo fundo)

SCENA XVII.

ADELAIDE só, depois JOSÉ DE MIRANDA.

ADELAIDE — Pobre amiga! é grande o teu amor, e maior ainda o teu sacrificio. E nem um ai sequer podes partir dos labios para teu allivio! A tua cegueira leva-te a ires confundir-te nos turbilhões aonde os hasde perder de vista, para depois n'um sobresalto os encontrar de novo n'um relance, apertados um ao outro, sorrindo-se mutuamente! E eu... oh! eu amei... se o amei!...

JOSÉ DE MIRANDA (entrando) — Ha mais d'uma hora que procuro fallar-te.

ADELAIDE (com digna seriedade) — Fallar-me... para que?

JOSÉ DE MIRANDA (querendo conduzi-la pela mão ao sofá, o que ella recusa) — Senta-te aqui ao meu lado, quero um momento em silencio contemplar-te de novo.

ADELAIDE — Senhor José de Miranda!...

JOSÉ DE MIRANDA — Admirar-te... sim! porque és formosa, e porque se não apago ainda na minha imaginação aquella felicidade...

ADELAIDE — Se vem insultar-me, é uma crueldade sem limites que lhe não mereço. Atenda ao menos que este logar...

JOSÉ DE MIRANDA — Acaso pode este logar riscar-me da memoria aquelles momentos de ventura que nunca mais gozei?

ADELAIDE — Tenha dó de mim, lembre-se ao menos que a creança inexperiente de outro tempo... e ambos nós eramos inexperientes e creanças!

JOSÉ DE MIRANDA — Cuido ver ainda em ti essa creança loura como então a encontrei.

ADELAIDE (com dignidade) — O erro commettido, senhor José de Miranda, está sendo expiado pelo arrependimento.

JOSÉ DE MIRANDA — Só eu tenho a imputação d'esse erro, compete-me o dever de o remir. Amar-me-has tu como n'aquelles dias de infancia? Terás acaso esquecido?...

ADELAIDE — Não o comprehendo, mas se ha ironia no seu modo, não me atormente assim, saiba que sou já demasiadamente infeliz.

JOSÉ DE MIRANDA — Infeliz... tu?...

ADELAIDE (com as lagrimas nos olhos) — Tenho já soffrido tanto!...

JOSÉ DE MIRANDA — Para que me fugiste?...

ADELAIDE — Não sei ainda, não tive uma idéa fixa, não tinha uma resolução formada. N'essas duas sem mas que me abriguei em casa de seus paes, lembrava-me, não que fosse deshonroso aquellè trabalho a que a miseria me sujeitava, mas a humilhação de que era victima... seria... era orgulho talvez! Depois, vinha a saudade da minha boa protectora, que durante a sua vida me tinha posto ao abrigo da desgraça em que me vi. Não o podia encargar, José, sem me envergonhar de mim.

Depositaro da minha honra, tarde já, e bem tarde, conheci que m'a não podia restituir, e fugi

sem destino... como louca e desesperada! (soluçando)

JOSÉ DE MIRANDA — Foste injusta, minha querida; mas heide reparar tudo... gozaremos um futuro de ventura e amor.

ADELAIDE — Ventura e amor!... Pode-se acaso esperar ventura em possuir a mulher que se perdeu?! (chorando) Pode-se ter amor á creatura que vendeu affagos e sorrisos?!

JOSÉ DE MIRANDA — Que dizes, Adelaide?! mentes! e mentes porque mudando a tua posição amas outro, e queres sacrificar-te ennegrecendo-te a meus olhos, para que desprezando-te deixe livre o teu amor.

ADELAIDE — Não minto... não! cai desvairada no abysmo, e...

JOSÉ DE MIRANDA — O que eu fiz!... sou um infame... conheço-o agora!

ADELAIDE (resignada) — Era destino, havia de cumprir-se!

JOSÉ DE MIRANDA — Culpada ou não, deves ser minha! Irems viver para longe, para onde ninguém nos conheça, onde possamos ser felizes... (tomando-lhe as mãos) muito felizes! Acharemos a ventura ao lado um do outro... Dize, oh! dize... recusarás ainda ser minha?

ADELAIDE — Não posso recusar nem dizer que accetto. E' grande a sua generosidade para uma pobre mulher culpada como eu.

JOSÉ DE MIRANDA — A flor da vida começa a despertar em ti encantadora e bella! Sei que se deixasse de ver-te, o desengano, companheiro inseparavel das almas captivas, virá apossar-se de meu pobre coração. Adelaide, restitue-me o teu amor, e serei feliz.

ADELAIDE (á parte) — Julio... mais do que nunca devo esquecer-te! (alto) Se em mim pode ainda existir amor ou reconhecimento, não o posso dar a outro.

JOSÉ DE MIRANDA (beijando-lhe a mão) — Não te envergonhes de dizer que me amas.

ADELAIDE — Pense que nos podem observar.

JOSÉ DE MIRANDA — Vou ás salas procurar meu pae, quero hoje mesmo pedir-lhe...

ADELAIDE — E' cedo ainda!

JOSÉ DE MIRANDA — Já o não é para lavar a mancha da minha honra! (sae precipitadamente)

(Um momento antes de acabar se dialoga, opiano que toca nas outras salas tem cessado de ouvir-se. Os convidados não apparecendo nas salas e os criados servem refrescos etc.)

ADELAIDE — Meu Deus! para que vim a esta reunião? Não é tão criminoso como o julgava. O amor resgata-lhe a culpa.

Continua.

Sonetos.

Vem o homem á luz, e chora logo
Entre as mãos da parteira; depois cresce,
E para o mestre vae, que as mãos lhe aquece,
E só tem o chorar por desafogo:

Depois chora o vintem, que perde ao jogo,
Mais tarde, por quem alma lhe enlouquece;
E, se o peito da bella se arrefece,
Chora-lhe o coração, ardendo em fogo:

Chora quando padece dôr de dentes,
Quando encontra cotão só n'algibeira,
E quando perde amigos, e parentes:

Chora vendo um doutor á cabeceira,
Chora por soffrer mil dôres diff'rentes...
Ora sebo p'ra tanta choradeira.

PEDINDO UM MOTE.

Vou pedir-lhe uma coisa... mas não tremas, não pense que o pedido é de dinheiro; Se hoje para o massar saio a terreiro, a bondade, que tem, faz que eu não tema.

Não procuro fazer nenhum poema,
Que não vejo d' Apollo alto lizeiro;
E tornar em paradas de sendeiro
Partidas de leão — é mau systema;

Apenas d'esta vez a musa minha
Lhe vem pedir um mote — a coisa é pouca,
E pode-se mui bem chamar coisinha;

Ouvirá minha voz sem graça, e rouca;
E, se achar que ella é má p'ra visinha,
Pegue n'um pão de ló, tape-me a bocca.

Não tenho lyra.

N' este mundo e coisa bella
Ter lyra d'alto condão,
E render, cantando n' ella,
Das bellas o coração;
Instrumento mais mavioso,
Mais suave, e portentoso,
E que mais infunda amor,
Não o tem o mundo inteiro;
A lyra excede o pandeiro;
Agrada mais que o tambor.

Ah! que se eu tivesse lyra,
Das taes d'encantos sem par,
Adirno aqui, sem mentira,
Passara a vida a cantar...
Desditoso, e coitadinho
De quem fosse meu visinho,
Que tinha que me soffrer;
Pois, ou de noite ou de dia,
Eu, com a minha harmonia,
Fal-o-lia endoidecer.

Todas as bellas que eu visse
Com olhinhos de tentar,
Sómente por bregeirice,
Havia de captivar:
Com garbo a lyra empunhando,
E, harmoniosos, soltando
Cantos d'insigne primor,
Dissera á minha beldade:
E's amor! Anjo! Deidade!
Eu sou fulano... o cantor.

Os teus lustrados cabellos
São d'amor doces prisiones!
Esses teus olhos tão bellos
Dois abrasados carvões!...
A tua bocca mimosa
E' a mais brilhante rosa
Que formou a mão d'amor!...
Teus dentes são jaspe fino...
O teu nariz pequenico
E... seja lá o que fór.

Dissera-lhe: — anjo perfeito,
Gaz d'este meu coração!
Por ti sinto n'este peito
Amor fervendo em cachão!...
Só em ti minh'alma pensa...
E se lhe dá a sentença
De lhe negares amor...
Dás-me sentença de morte...
E verás com *agua-forte*
Envenenar-se o cantor!

Depois, em cruel delirio,
De mil ferventes paixões,
Pintara-lhe o meu martyrio
Com terríveis expressões...
Dissera-lhe: — vés da campa
Pouco a pouco erguer-se a tampa?...
Vés os cyprestes além?...
Vés o coveiro risonho?...
Este apparatus tristonho
E' p'ra mim... p'ra mais ninguem.

Olha aberta a sepultura...
Se um piparote me dá
Com alma raivosa e dura,
Perco o equilibrio, e *zds*,

Caio p'ra sempre na campa...
E depois, fechada a tampa,
Não se torna mais a abrir...
Mas a minha sombra irada,
Em um lençol embrulhada,
Hade teus passos seguir!

Qual seria a linda moça
De sensível coração,
Em quem não fizesse móssa
Com minha bella canção?...
Todas, todas, todas ellas.
Ouvindo-me as phrases bellas,
Sentiriam n'alma ardor...
Todas diriam, de certo:
«Oh! que rapaz tão esperto!
«Gosto d'elle... sim, senhor.»

Só de em tal pensar delira
O meu pobre coração...
Mas p'ra quem não toca lyra
Tantas venturas não são!...
Oh! feliz de quem e vate,
E, rimando um disparate,
Conquista um ser ideal!...
Mas, contudo, soffre dores,
Que o que lhe sobra em amores
Falta-lhe sempre em metal.

J. I. D'ARAÚJO.

A uma flor.

PARA SE RECITAR AO PIANO.

No album do meu amigo Alfredo d'Ataide.

Tiveste o berço n'um jardim pomposo
Onde o sol vinha illuminar-te a côr;
No fertil solo entre rivaes rainhas,
Rainha, ergueste um mago imperio, flor!

Mas sendo em breve transplantada, a vida,
De alento exhausta, o seu vigor perdeu;
Depois por mãos d'habil cultor trazida
A novos climas, desmaiou, pendeu!

Ai! pobre flor! n'esse outro chão plantada,
Da terra sua a fresquidão e o sol,
Nem acha ali n'essa aridez medonha
Diurna luz de abrasador pharol!

Como um captivo que da patria longe
Morre em saudades do paiz natal,
A flor jazendo n'um deserto exposta
Lhe punge n'alma um padecer fatal.

D'estranha aragem hafejada, treme,
E dobra á furia d'inferral tufão,
E a linda face que ao ceo tinha erguida
Incerta roja-se a beijar o chão.

Ai! pobre flor! em torno a ti, fagueira,
Nem uma brisa inda sequer passou!
E' tudo sombras, tempestade e morte,
Que ao frio horror esse lugar ficou.

Depois, mais tarde, acostumada ao ermo,
A côr e a graça reviven em ti;
Languida e triste, como a imagem d'elle,
Verdes botões alimentaste em si.

Medraram todos, de teu seio os mimos!
Deste-lhes vida, seducção, fulgor!
Deste-lhes tudo que te encheu d'encantos,
Qual mãe aos filhos repartindo amor!

Mas pobre flor! esses botões fanados,
Leva-os o vento n'um veloz fugir
Longe de ti, ás regiões distantes,
E eis-te isolada a nova dôr sentir!

E agora só... sem os mirar vaidosa
Revido n'elles esses mimos teus,
A face inclinas abatida e triste,
Ha pouco ainda levantada aos ceos!

Ai! minha flor! na solidão, gostoso,
Virei contigo partilhar teu mal;
Virei buscar no teu perfume a vida
Já quasi extincta n'um penar mortal.

Descrido já das illusões da terra,
Sei que ao abysmo a escuridão conduz;
Por isso a ti no isolamento corro,
E um raio peço á derradeira luz.

Por isso eu venho no infortunio involto
A ti que a vida n'um exilio tens,
Buscar aquella que eu perdi no mundo
Entre sorrisos de fataes densens.

Quero... só quero as solidões tranquillias,
E ver sómente o que mais triste fór,
E ali rendido do mais santo affecto,
Sentir a esperança renascer-me em flor!

Por isso eu venho ás solidões agrestes
Buscar a vida que uma flor só tem,
Revido-a em sonhos, aspirando o aroma,
Que dentro d'ella respirado vem.

Depois a esperança na minha alma sinto,
Qual doce bem que dimanou dos ceos;
E grito louco de ventura extrema
Sceptico!... o sceptico acredita em Deus!

FRANCISCO SEFRA.

Despedida

OFFERECIDA AOS MEUS COLLEGAS E AMIGOS POR O GASTÃO
DA MINHA RETIRADA DE LISBOA PARA PERNAMBUCO.

Ao deixar-vos companheiros
Sinto no peito a saudade,
Que se desperta espontanea
Sob o imperio d'amizade.

Por vós todos, meus amigos,
Palpita-me o coração,
N'este momento solemne
Da nossa separação.

Deixo-vos, sim, mas conservo
Escrita a vossa lembrança
Na minha alma, em meus affectos,
Na mais suave esperança.

Tantas familias que preso
De vós não m'esquecerei:
O vosso nome tão grato
Constante respeitarei.

E d'esse logar tão bello,
D'esse ameno Lumiar,
Levo a imagem nos meus olhos
No meu continuo sonhar.

Socios meus! se nas fadigas
Em mim tivestes o irmão,
Seja elle sempre o objecto
Da vossa recordação.

Que se affronto os vastos mares,
E vos deixo em Portugal,
Comigo, na minha idéa,
Vossa presença é real.

Adeus, adeus! — já vem perto
A hora da despedida
— Eis o abraço do amigo,
— Eis sua expressão sentida.

MOREIRA.